PROLETÁRIOS DE TODOS OS PAÍSES, UNÍ-VOS!

A CLASSE OPERÁRIA

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

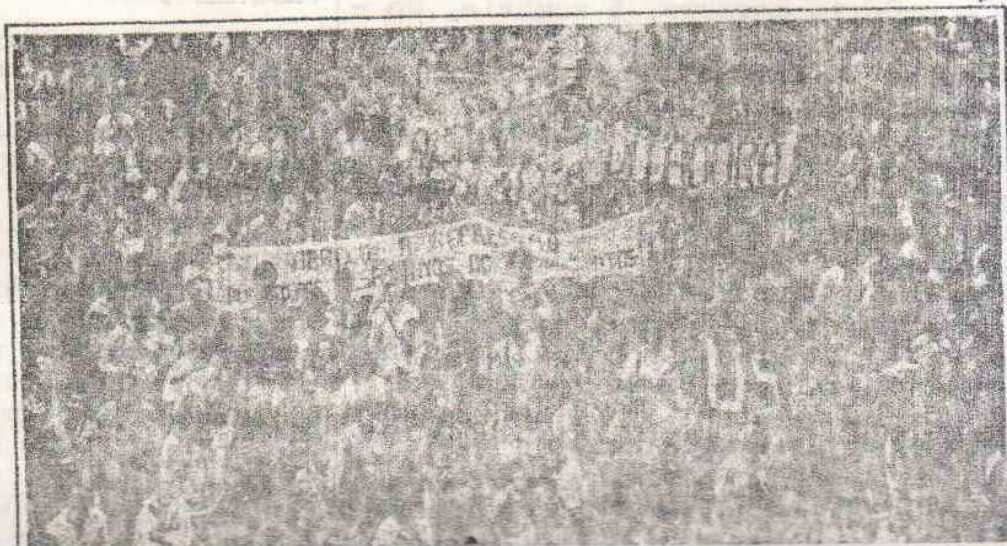
Nº 141 NOVEMBRO-DEZEMBRO DE 1979 ANO XV

NESTE NÚMERO:

A única saída para a situação

Antes que findasse o ano de 1979, que encerrava toda uma década do mais descarado entreguismo, o sr. Cesar Cals, ministro das Minas e Energia, anunciou cinicamente que as pesquisas e exploração do petróleo no Brasil seriam da livre iniciativa de quem se candidatasse a fazê-las. Ou melhor, seriam da livre iniciativa das multinacionais, ávidas há muitos anos de se assenhorearem dessa fonte de riqueza do país. Com semelhante medida, caem as últimas barreiras de defesa dos interesses nacionais. E fica ainda mais evidente que o general Geisel, ao quebrar o monopólio da Petrobrás e estabelecer os contratos de risco, procurava apenas "amaciar" a opinião pública e prepará-la para o segundo passo decisivo, dado agora pelo representante do general Batista Figueiredo. Depois disso, o petróleo aparecerá, mas já nas mãos dos monopolistas estrangeiros.

A triste realidade salta à vista. O país está em leilão. No Brasil dos generais, hoje em dia, tudo se encontra à venda. Desde o patrimônio comum da nação até a honra nacional, com o único objetivo de obter divisas. É com este propósito também que grande parte da economia se orienta para a exportação. Já não se pensa em termos de atender, prioritariamente, os sagrados interesses dos brasileiros, que são afinal os filhos do país. O governo só pensa em divisas, em dezenas de bilhões de dólares disponíveis. E para que? Para entregá-los aos banqueiros estrangeiros e às poderosas multinacionais, sob a forma de juros e amortizações de u-

ma dívida que não diminui jamais e cresce a cada ano. Sob a forma também da remessa de lucros para o exterior, do pagamento da tecnologia importada, dos dispêndios com o petróleo numa escala ascendente, devido à política irracional do nosso sistema de transportes. Assim, a nação trabalha como trabalhavam os servos da Idade Média. A parte maior do que produz se destina ao proprietário da terra que, no nosso caso, é o capital financeiro internacional. A tal extremo levou a política e o chamado modelo de desenvolvimento econômico dos generais reacionários e fascistas!

Deste modo, não é de admirar que o país atravesse uma situação sempre mais difícil, mergulhado numa grave crise. A inflação dispara. Este ano, chegou à casa dos 80%. Dentro de mais alguns meses, poderá superar o nível dos 100%. Inflação que significa, de uma parte, brutal carestia de vida, aumento incontrolável dos preços e, de outra parte, o rebaixamento do poder aquisitivo de quem vive de salários e vencimentos. A pobreza estende-se por toda a parte, nas cidades e no campo, onde a fome já era crônica. O desemprego se alastra e a rotatividade da mão-de-obra obriga os operários, às vezes a cada seis meses, a engrossar a fila da demanda de emprego, nem sempre possível. As favelas se multiplicam. O ensino torna-se inacessível às pessoas de parcos rendimentos. Eleva-se o número de crianças abandonadas. A criminalidade prolifera, fruto da miséria e das injustiças sociais. Mas o lucro dos banqueiros e monopolistas da grande burbuesia não diminui. E nas áreas oficiais campeiam a corrupção e as mordomias, o enriquecimento fácil dos amigos e protegidos do governo, como acaba de suceder com o chamado vazamento na maxidesvalorização do cruzeiro.

A perspectiva, como reconhece o próprio governo, é sombria. Nenhuma medida razoável é adotada. O plano de Delfim Neto é jogar mais ainda o peso da crise sobre as costas do povo. Em tal situação, inúmeras são as forças políticas e sociais preocupadas com o curso dos acontecimentos, muitos procuram uma saída. Especula-se com a concessão de reformas políticas, com a democratização gradual, com a criação dos novos partidos, com a Constituinte projetada nos bastidores por Figueiredo-Golberi. E há os que se interessam apenas em conquistar o governo de alguns Estados em 1982.

deira saída, é acabar com o regime militar, conquistar a liberdade política a mais ampla, criar um governo democrático e de unidade popular.

Enquanto permanecer esse regime, a tendência é piorar. E o regime não pretende ceder suas posições fundamentais. Para continuar, reprime as greves e o movimento popular, garante a impunidade dos torturadores e assassinos, persegue patriotas, aplica a Lei de Segurança, mantém nos cárceres combatentes da liberdade, tenta dividir a oposição.

Acabar com esse regime — quer dizer, com a causa que gera as dificuldades e a venda do país — tem de ser o alvo principal da luta do povo, dos patriotas e democratas. É necessário, sem dúvida, lutar contra os salários de fome, o desemprego, a subordinação dos sindicatos ao Ministério do Trabalho. É preciso combater a carestia de vida, exigir anistia ampla e irrestrita, reclamar a livre organização de todas as correntes de opinião pública, entre elas o Partido Comunista. Impõe-se defender a terra para os que nela trabalham. Opor-se ao entreguismo. Mas, o centro da luta só pode ser a liquidação do regime militar.

Os círculos palacianos e os conciliadores tentam confundir o povo e as correntes democráticas. Esforçam-se para que tudo gire em torno das pequenas concessões, em torno, por exemplo, das novas siglas partidárias, das disputas mesquinhas e sem futuro, das ações unicamente reformistas. Querem desviar o centro da luta do povo.

No entanto, é em função da oposição firme ao regime militar visando à sua liquidação e contra o governo de Figueiredo que se define hoje quem é democrata de verdade ou simples conciliador, quem está ou não ao lado do povo.

Certamente, a frente-única ampla que se faz necessária para alcançar fins efetivamente democráticos não pode ser vista como em períodos anteriores, ou seja, tendo por base a organização partidária da oposição, o MDB, com o apoio de correntes políticas ou populares. Hoje, fundamentalmente, a frente-única deve ser buscada na unificação dos movimentos de oposição popular, na unidade de amplas forças em luta contra o sistema dominante, forças empenhadas na ação concreta de massas. Dentre elas, situam-

O nome e as obras de Stálin são imperecíveis

Neste 21 de dezembro, que resgistra a passagem do 100º aniversário do nascimento de J.V. Stálin, serão prestadas em todo o mundo grandiosas homenagens à memória do eminente revolucionário proletário, grande marxista-leninista, fiel discípulo e continuador de Vladimir I. Lênin. Os verdadeiros comunistas, que romperam radicalmente com o revisionismo contemporâneo, festejam a data recordando a figura inolvidável de Stálin, sua obra monumental, seus ensinamentos de clássico da doutrina social mais avançada de nossa época. Comemoram-na também desmascarando os detratores de Stálin, adeptos do capitalismo disfarçados de comunistas, assim como os velhos escribas da reação e do imperialismo, serviçais do capital financeiro, incansáveis em arquitetar mentiras para confundir as massas e desviá-las de sua rota fundamental.

Stálin, gigante da ação e do pensamento revolucionários, marcou brilhantemente sua larga trajetória no movimento operário e comunista mundial. Sob sua direção, após a morte de Lênin, os povos da União Soviética venceram duros obstáculos e construíram o socialismo. Enfrentaram com êxito os piores inimigos da classe operária e do progresso social. Destruíram mitos e tabus. Levaram ainda mais adiante a gloriosa bandeira erguida por Marx e Engels em 1848. O nome e a obra de Stálin são imperecíveis. Resistiram à prova do tempo e resistirão às intempéries políticas da luta de classes, aos ataques raivosos e concentrados dos reacionários, ao furor desesperado dos renegados da revolução e do marxismo-leninismo.

Já passaram vinte e seis anos de sua morte e os adversários de Stálin não conseguiram apagar sua lembrança do coração e da mente dos explorados e oprimidos, apesar da montanha de calúnias contra ele espalhadas. Quanto mais o tempo passa, mais claro se torna o fato indiscutível de que, enquanto viveu Stálin, a bandeira do socialismo tremulou vitoriosa na União Soviética, e o movimento comunista internacional, unido, avançava rumo a sua meta essencial. Depois do seu falecimento e da ascensão da camarilha de traidores que assaltou o poder soviético, o estandarte vermelho da classe operária cedeu lugar ao trapo revisionista dos

senhores do Kremlin. A URSS deixou de ser o baluarte da revolução. De país da ditadura do proletariado transformou-se numa superpotência sedenta de domínio do mundo, num centro de irradiação do oportunismo mais deslavado que penetrou fundo no movimento operário, convertendo a grande maioria dos Partidos Comunistas em partidos da renegação do socialismo proletário, partidos revisionistas, social-democratas. A diferença fundamental entre um e outro período — antes e após a morte de Stálin — só não enxerga os que não querem ver.

FIRME DEFENSOR DOS INTERESSES SUPREMOS DA CLASSE OPERÁRIA

Não se pode avaliar corretamente a ação e o papel dos homens na História sem situá-los no quadro real da época em que viveram. Cerca de trinta anos, Stálin esteve à frente do Estado Soviético. Foi a fase mais árdua e complicada da edifica-

ção do novo regime, o período da ofensiva final contra os kulaks, da eletrificação e industrialização da URSS, da coletivização da agricultura com a passagem da pequena propriedade às grandes cooperativas camponesas, da criação de uma poderosa defesa nacional, da luta contra o analfabetismo e o desenvolvimento de uma cultura efetivamente progressista, do enfrentamento militar com os imperialistas: primeiro, com os japoneses no Extremo Oriente que experimentavam o poderio do Estado Soviético e, depois, com a Alemanha de Hitler, na mais sangrenta e criminosa das guerras. É ainda o período da reconstrução de toda a economia do país destruída nos quatro anos de conflito bélico. E tudo isto se realizou, em boa parte, sob o cerco capitalista, sem qualquer apoio dos países imperialistas, sob as ameaças constantes de intervenção armada estrangeira, com a sabotagem insuflada e alimentada de fora, num clima de intensa preparação da II Grande Guerra voltada particularmente contra a URSS. Stálin, juntamente com o povo soviético, apoiado nas próprias forças, derrotou os planos inimigos, venceu as obstruções naturais ou propositadas que se lhe antepuseram, construiu o socialismo.

Superando tremendas dificuldades, percorrendo caminhos ainda desconhecidos, ele descortinou novos e amplos horizontes para os povos de todo o mundo. Sabia ver com clareza e aguda perspicácia, no intrincado quadro político, a marcha provável dos acontecimentos e de que lado se achavam os interesses do proletariado. E tomava, a tempo, as medidas indispensáveis para enfrentar eficazmente e sem surpresas os embates futuros. Hoje, seus caluniadores afirmam que a industrialização do país custou amargos sofrimentos às massas trabalhadoras. Mas não se perguntam se havia outra saída em consonância com os interesses da revolução nas condições concretas em que se operou. Ou alegam que Stálin sacrificou a defesa nacional com a punição de diversos quadros das Forças Armadas, às vésperas da II Guerra Mundial. Como se a liquidação da 5a. coluna, da rede de traidores no Exército Vermelho, traição confessada nos tribunais populares, assistida inclusive por um representante do governo de Roosevelt, John Davis, significasse enfraquecimento da defesa da URSS. Num breve discurso, em 1929, aos formandos da Academia Militar, Stálin profetizava: "Ou nós, os soviéticos, liquidaremos nestes próximos dez anos o atraso que herdamos de 50 ou 100 anos da velha Rússia, ou seremos aniquilados na guerra que se avizinha." O atraso de que falava, resolvia-se precisamente com a industrialização acelerada, que criava a base da defesa nacional e do ulterior desenvolvimento de toda a economia do país.

Se situarmos, no plano histórico, a atividade de Stálin, à frente do Estado e do Partido, teremos a noção exata da sua invulgar capacidade realizadora, do seu talento de dirigente marxista-leninista, do acerto de suas decisões no caminho que escolhera. Tivesse ele descurado as tarefas básicas, menosprezado qualquer delas face à pressão dos inconformados ou dos contra-revolucionários, tivesse ele contemporizado com os traidores, e a União Soviética há muito teria sido derrotada, não conseguiria, como conseguiu, até antes de sua morte, constituir-se no baluarte da revolução mundial, no exemplo luminoso de nova sociedade erigida sob a direção da classe operária.

UM MESTRE DA TÁTICA REVOLUCIONÁRIA

Stálin foi um clássico do marxismo-leninismo, desenvolveu e enriqueceu a grande doutrina do proletariado. Coube a ele não apenas dirigir a construção socialista, mas generalizar a experiência dessa construção. Suas contribuições nesse terreno são inestimáveis. Fundamentou e sistematizou as leis objetivas da edificação do socialismo, indicando o caminho científico da marcha para o comunismo. Stálin armou teórica e praticamente o movimento operário de uma compreensão profunda dos processos contraditórios da luta de classes nesta fase turbulenta de decomposição do sistema imperialista em grau avançado. E deu-lhe a perspectiva revolucionária para derrocar a burguesia, bem como as linhas fundamentais para erigir a nova vida.

Mas Stálin não foi apenas o teórico consagrado. Foi também um mestre na arte de dirigir corretamente o movimento operário e comunista: ao mesmo tempo que se ocupava da ciência social, ele fundamentava mais e mais a tática leninista da revolução. São numerosas e de grande valia suas indicações neste particular. São igualmente notáveis seus exemplos de aplicação dos princípios revolucionários a uma realidade determinada. Utilizava amplamente as possibilida-

des de ação comum com outras forças políticas e sociais, sem deixar de criticá-las de maneira independente. Punha em prática a orientação de Lênin de que na luta pela revolução é preciso encontrar sempre um aliado de massas, mesmo vacilante e inconseqüente. Não temia os acordos e compromissos, desde que servissem à educação do proletariado e contribuíssem para aniquilar um inimigo mais poderoso. Destacado exemplo da capacidade tática de Stálin é a conduta da URSS em relação aos aliados durante o conflito com a Alemanha de Hitler. A correspondência de guerra de Stálin com Churchill e com Roosevelt, editada na Europa, demonstra com que amplitude e flexibilidade e, simultaneamente, com que firmeza revolucionária ele encarava as alianças e a frente-única, defendendo sem vacilações os interesses do proletariado e da revolução. Considerava seriamente, na tática, a questão das camadas mais atrasadas do povo, a necessidade de a vanguarda não se isolar dessas camadas e tampouco deixar-se ir a reboque. Os comunistas deviam atraí-las com uma política hábil e bem meditada e elevar gradualmente seu nível de consciência política. No final da década de 20, chamava a atenção dos partidos comunistas europeus para encontrar os meios de destronar a social-democracia do movimento sindical, que constituía nessa ocasião a fortaleza dos oportunistas. Antes de morrer, no XIX Congresso do PCUS, fez um magnífico discurso denso de idéias criadoras e de valiosas indicações de sentido tático. Nele, assinalou o caráter da reciprocidade no internacionalismo proletário e sublinhou tarefas da maior importância para o movimento comunista. A burguesia, dizia ele, jogou fora a bandeira da independência nacional e das liberdades que, no passado, granjearam-lhe prestígio. "Se os partidos da classe operária quiserem agrupar em torno de si as grandes massas do povo devem sustentar firmes a bandeira das liberdades e da independência nacional". No que a nós, comunistas brasileiros, diz respeito, estas tarefas são de enorme atualidade. A luta pela conquista da liberdade política, a mais completa possível, e em defesa da independência nacional transformou-se em centro de nossa atividade quotidiana. E, a cada dia que passa, mais se acentua a necessidade dessa luta como um dos meios para agrupar e mobilizar o povo brasileiro tendo em vista abrir caminho a sua emancipação do jugo imperialista e da reação interna.

VERDADEIRO MILITANTE LENINISTA

Os êxitos da revolução e do socialismo na União Soviética da época de Lênin e de Stálin são inseparáveis da atuação do Partido Bolchevique. Stálin foi um homem de partido. Considerava como questão vital da revolução, da construção socialista e da marcha para o comunismo a existência e a direção de um partido do proletariado, temperado na luta de classes, revolucionário, livre dos oportunistas, tal como sempre propugnara V.I. Lênin. "Não há nada superior ao título de membro do Partido", afirmava nos funerais do chefe da Revolução de Outubro, em 1924, jurando manter bem alto e conservar em toda a sua pureza esse grande título.

Em sua obra, "Sobre os Fundamentos do Leninismo", Stálin definiu numa síntese magistral as particularidades do Partido leninista que, em conjunto, conformam a verdadeira fisionomia da organização de vanguarda da classe operária. Ele queria um Partido intrépido para conduzir os proletários à luta pelo Poder; experiente para orientar-se nas condições mais complexas da situação revolucionária; flexível para sortear todos e cada um dos escolhos que se interpõem no caminho para seus fins. Melhor que todos, compreendia que o Partido não poderia cumprir seu papel de vanguarda e sua missão histórica sem dar batalha permanente em suas fileiras aos que se opunham, aberta ou camufladamente, ao proletariado revolucionário. "Na época da dominação da burguesia — disse — o Partido do proletariado não pode crescer e fortalecer-se senão na medida em que levar a cabo o combate aos elementos oportunistas, hostis à revolução e ao Partido, tanto em suas hostes como no seio da classe operária".

Seus adversários o odiavam particularmente por sua defesa intransigente do Partido e dos seus princípios. Eles viam no Partido de Lênin e de Stálin a barreira intransponível às suas mesquinhas pretensões. Sentiam que aí residia, concentrada, a força invencível da classe operária, que desbaratava uma após outra as maquinações pequeno-burguesas e impedia qualquer retrocesso do socialismo. É conhecido o fato de que os intelectuais, geralmente desligados do povo, e elementos de origem pequeno-burguesa aferrados a con

cepções não-proletárias, nunca se conformaram com o caráter centralizado da organização de vanguarda, nunca admitiram a disciplina partidária, "disciplina férrea" no dizer de Lênin. Justamente tais elementos, nos meados dos anos 50, insurgiram-se outra vez contra o centralismo e a disciplina. Atiraram lama no Partido, em seus princípios, suas normas de atuação, sua experiência passada, sua estratégia e sua tática. Os ataques dos revisionistas a Stálin, em essência dirigiram-se contra o partido leninista. A virada da União Soviética para o socialismo reacionário, para o social-imperialismo, depois da morte de Stálin, começou com a destruição ideológica e política do Partido. O XX Congresso do PCUS, em 1956, foi o passo inicial, realmente grave, acompanhado, no ano seguinte, pelo golpe de Estado de Kruschov que liqüidou as últimas resistências no Birô Político e no Comitê Central. Assim, vingou o novo partido da camarilha de renegados, que utilizava o nome e a forma antiga da velha organização para enganar as massas, novo partido que rompeu com o leninismo, com os interesses da revolução e do socialismo.

Também no Brasil, nessa mesma época e obedecendo à mesma dinâmica, gente dessa espécie chamava o Partido de "trambolho histórico", de organização superada, no festival do liberalismo pequeno-burguês orquestrado por Moscou. Aqui também eles se levantavam contra o centralismo-democrático em nome de uma pretensa liberdade de opinião e de crítica, liberdade cujo conteúdo revelaram logo a seguir, assaltando a imprensa partidária e abrindo, por conta própria, uma discussão geral no Partido à margem dos seus órgãos dirigentes. Os revisionistas brasileiros puseram em causa a existência do Partido, enxovalharam seu passado, renegaram sua linha política e insultaram Stálin. Levaram os segredos e as questões internas do Partido para o debate público, inclusive na imprensa burguesa. Derrotados no primeiro momento, recuaram momentaneamente. Mas voltaram à carga, já então com a ajuda de Prestes e de Kruschov, transformando pouco a pouco a tradicional organização do proletariado, sob outra denominação, nesse monturo de oportunismo que se intitula de Partido Comunista Brasileiro.

Enquanto viveu, Stálin (como Lênin) foi o anteparo invulnerável às pretensões dos mencheviques e trotsquistas, dos pequeno-burgueses. Jamais consentiu que medrasse nas fileiras do Partido a erva daninha do liberalismo burguês. Nunca abriu mão dos princípios imortais, marxistas-leninistas, de construção partidária porque somente neles alicerçados a organização comunista pode jogar seu papel transformador da sociedade, ser o instrumento em mãos da classe operária capaz de derrubar a burguesia e tornar vitoriosa a ditadura do proletariado.

INTRANSIGENTE NA LUTA CONTRA AS TENDÊNCIAS ADVERSAS

Stálin não era apenas o chefe do Estado Soviético e do Partido Bolchevique. Era também o chefe inconteste e respeitado do movimento comunista mundial. No decurso de três décadas, sua influência foi decisiva na criação e fortalecimento do grande exército internacional da classe operária, cuja missão histórica é sepultar o capitalismo e forjar o novo mundo socialista.

Sob seu comando, cresceram os partidos comunistas em toda a parte. Ele acompanhava de perto a vida desses partidos, preocupava-se com a sua consolidação e o seu desenvolvimento. Indicou muitas vezes onde se encontravam as debilidades dos novos partidos e a força dos reformistas, apontando os meios para inverter os termos do problema. Particular atenção dispensou aos partidos de países onde lhe parecia existirem melhores condições para levar a revolução à vitória. Quando da ascensão do fascismo, empenhou-se no alargamento das fileiras comunistas com a aplicação de uma política ampla e revolucionária. Mais tarde, ajudou com a sua experiência muitos partidos proletários a elaborarem seus programas marxistas-leninistas.

O crescimento do movimento comunista na União Soviética e em todo o mundo foi acompanhado da luta incessante em defesa da pureza do marxismo-leninismo e contra as influências oportunistas. Stálin desempenhou um grande papel nessa luta. Firme nas posições de classe do proletariado, combateu todas as tendências malsãs que tentavam aninhar-se no Partido Bolchevique e no movimento operário e comunista mundial. Desmascarou, ao final dos anos 20 e início da década de 30, o trotsquismo, que tentava passar por revolucionário conseqüente quando, na realidade,

nada mais era que a expressão acabada do aventureirismo pequeno-burguês, uma corrente contra-revolucionária que, na URSS e, depois, em vários países, espalhou a confusão ideológica e trabalhou sempre para isolar a classe operária e dividir suas fileiras. Stálin denunciou repetidas vezes as manifestações de social-democratismo no Partido, que conduzem ao reformismo e ao parlamentarismo, solapando seu caráter revolucionário . Repudiou as teses zinovievistas e bukarinistas de conciliação de classes. Foi o primeiro a perceber o aparecimento do revisionismo contemporâneo. Vislumbrou-o no browderismo que surgira nos Estados Unidos, durante a II Guerra, negando o papel dirigente do Partido e pregando o liquidacionismo. Uns anos depois, numa carta a Tito, previa com rara exatidão aonde conduziria a política preconizada por esse renegado. Enxergou no revisionismo titista um sério perigo para o movimento comunista internacional. Conclamou à luta comum contra esse perigo, desmascarando-o no plano teórico e prático. Stálin sentiu também os sintomas do nacionalismo e do oportunismo chinês, desconfiava - como hoje alegam os chineses —, e não sem razão, que a China seguisse as pegadas de Tito. A experiência confirmou plenamente as opiniões de Stálin. O titismo, respaldado pelo capital estrangeiro, serviu de referencial a todos os que abandonaram a via proletária-revolucionária. Já em 1955, os kruschovistas apressaram-se a reabilitar o anticomunista iugoslavo. Pressurosos, trataram de assimilar suas "experiências" de suposta construção socialista. Mais tarde , também os revisionistas chineses fizeram as pazes com Tito e recolheram seus "ensinamentos".

Assim foi a vida de Stálin, a vida de um eminente revolucionário proletário, educador e dirigente da classe operária mundial.

Os oportunistas de diferentes quilates, renegados do marxismo-leninismo, se enfurecem com a verdade sobre Stálin. Carentes de argumentos válidos, exclamam rancorosos: "E os erros?". "Afinal, Stálin nunca errou?" É provável que, à frente do Estado e do Partido durante longo período, ele tenha cometido alguns equívocos, filhos da inexperiência, da ausência de precedentes, do cálculo aproximado que se tem de fazer de uma situação em desenvolvimento. Se existiram, constituem aspecto secundário da atividade de Stálin. Os erros graves que os revisionistas lhe apontam não têm fundamento. Quiseram demonstrá-lo no campo teórico. E só fizeram provar que têm uma concepção deformada, oportunista, dos interesses do proletariado e da revolução . O que indicaram como erro, nesse terreno, é, na realidade, verdade histórica indiscutível que a vida confirma a cada dia. Atribuíram-lhe também pretensos crimes na repressão política. Mas quem pode acreditar nas mentiras de um Kruschov, o fundador das "clínicas psiquiátricas" na URSS? Ele não fez mais do que repetir o que há dezenas e dezenas de anos diziam a burguesia e seus lacaios, da forma mais grosseira e desprezível, no afã de tentar desmoralizar o comunismo. Ou, acaso, servem para alguma coisa os testemunhos suspeitos de burgueses que, no interior do país dos soviets, tramavam contra a ditadura do proletariado, gente que há muito se havia passado ao campo imperialista? Uma boa parte deles, hoje, depois de prestarem seus serviços aos patrões do Ocidente, vive nos Estados Unidos, na Europa, usufruindo os proventos a que fizeram jus. Ou goza de privilégios na Rússia de Brezhnev. O povo soviético não é livre para dizer o que pensa. Livres ali são apenas os partidários da "nova ordem", livres para assimilar e pôr em prática a depravada civilização capitalista. Quando os trabalhadores reconquistarem a liberdade, na URSS, hão de causticar as mentiras e revelar com mais força ainda o estofo moral e político da cambada de criminosos que assaltou o Poder em meados da década de 50.

★★★

Um século transcorreu desde o nascimento de J.V. Stálin. Ele viveu uma grande época e soube colocar-se à altura dessa grande época. Seu nome e sua obra refletem a dimensão histórica de tão conturbado, mas promissor, período da evolução social. Não há força capaz de obscurecer o papel que desempenhou e continuará desempenhando no movimento revolucionário do proletariado.

Ao comemorar o centenário do seu nascimento, os marxistas-leninistas redobrarão de esforços para tornar vitoriosas as idéias de Marx, Engels, Lênin e Stálin. Erguerão mais alto ainda a bandeira da luta contra o revisionismo e o oportunismo, pelo triunfo da revolução e do socialismo em todo o mundo.

A.

Stálin e uma militante camponesa

Em memória de Stálin

Josef Stálin nasceu a 21 de dezembro de 1879 na cidade de Gori , província de Tíflis, na República da Geórgia. Seu pai era sapateiro e' sua mãe camponesa. Eis algumas observações a seu respeito, pela passagem do centenário de seu nascimento.

No outono de 1888 entrou para o Colégio Eclesiástico de Gori e, posteriormente, estudou no Seminário de Tíflis. Nessa época, o desenvolvimento industrial no Cáucaso produzia um certo incremento do movimento operário, o que, de certa forma, contribuía para que se propagasse o marxismo.

O Seminário de Tíflis era, então, um foco de idéias de libertação, tanto populistas-nacionalistas, como marxistas-internacionalistas, que se difundiam entre a juventude. Existiam vários círculos secretos. O regime jesuítico que imperava no Seminário despertou em Stálin o mais vigoroso protesto, o que alimentou e fortaleceu nele as tendências revolucionárias. Aos quinze anos, Stálin converteu-se num autêntico revolucionário: "No movimento revolucionário — dizia ele — ingressei aos quinze anos, quando me relacionei com os grupos ilegais dos marxistas. Esses grupos influíram grandemente em mim e me inculcaram o gosto pela literatura ilegal e marxista."

Em 1896, Stálin já estava à frente dos círculos marxistas do Seminário. Em agosto de 1898 ingressou no Partido Operário Social-Democrata da Rússia, onde desempenhou grande papel na difusão das idéias marxistas . Por essa ocasião, Stálin se preocupou tenazmente para aumentar seus conhecimentos. Estudou O CAPITAL, de Marx , que copiou à mão, estudou o MANIFESTO DO PARTIDO COMUNISTA e outras obras de Marx e Engels; leu obras de Lênin dirigidas contra os "marxistas legais" e o "economismo"; estudou filosofia , economia política, história, ciências naturais e leu os clássicos da literatura. Stálin converteu-se num marxista culto. As obras de Lênin o impressionaram profundamente ao ponto de dizer: "Custe o que custar, tenho que o ver".

Stálin não descansava. Realizava intenso trabalho de propaganda nos círculos operários, participava de reuniões ilegais de trabalhadores, escrevia folhetos, organizava greves. Esta foi a primeira escola de trabalho revolucionário prático cursada por Stálin entre os operários avançados de Tíflis.

"Lembro-me do ano de 1898 — dizia Stálin — quando pela primeira vez me enviaram para dirigir um círculo de operários das oficinas ferroviárias. Foi no meio daqueles camaradas que recebi meu primeiro batismo de fogo revolucionário. Meus primeiros mestres foram os operários de Tíflis".

Em 1900, quando apareceu a ISKRA leninista, Stálin adotou integralmente suas posições e reconheceu imediatamente em Lênin o verdadeiro criador do Partido marxista, o chefe e o mestre. Jamais se desviou do caminho traçado por Lênin. Depois da morte deste, continuou intrépido e seguro a sua obra.

Devido à repressão, em 1901, Stálin viu-se obrigado a passar à clandestinidade e se converteu em revolucionário profissional de tipo leninista, atuando na clandestinidade até a revolução de fevereiro de 1917.

Stálin sempre deu primordial importância à imprensa revolucionária. Por sua iniciativa apareceu o jornal BRDSOLA (A Luta), o primeiro jornal ilegal social-democrata da Geórgia, que aplicava de modo conseqüente as idéias da ISKRA leninista, declarando guerra sem quartel a toda sorte de idéias oportunistas. O editorial do primeiro número, intitulado "Da Redação", foi escrito por Stálin, que, ao determinar as tarefas do periódico, escrevia: "O periódico social-democrata georgiano deve dar uma resposta clara a todas as questões relacionadas com o movimento operário, esclarecer, as questões de princípio, esclarecer teoricamente o papel da classe operária na luta e iluminar com a luz do socialismo científico cada fenômeno que se apresente diante do operário". Indicava ainda que o jornal devia encabeçar o movimento operário, estar o mais próximo possível da massa operária, ter a possibilidade de influir de modo permanente sobre ela, ser o seu centro consciente e diretor. No número seguinte de BRDSOLA foi publicado importante artigo de Stálin cujo título era:"O Partido Social-Democrata da Rússia e suas tarefas imediatas". Nesse artigo, Stálin indicava a necessidade de unir o socialismo científico ao movimento operário espontâneo, assinalava o papel dirigente da classe operária no movimento democrático de libertação e propunha a tarefa de organizar um partido político independente do proletariado.

Em 1903, foi preso e deportado para a Sibéria. No ano seguinte fugiu e realizou o plano leninista de organização do Partido no Cáucaso, primeiro em Batum e a seguir em Tíflis. Sob a direção direta de Stálin realizou-se um empreendimento de notável audácia, exemplo destacado da técnica clandestina bolchevique: a organização da tipografia que funcionou em Tíflis de 1903 a 1906. Nessa tipografia publicaram-se muitos trabalhos de Lênin e do próprio Stálin, dirigidos à classe operária e aos camponeses, além de vários jornais, tais como: PROLETARIATIS BRDSOLA (A Luta do Proletariado), PROLETARIATIS BRDSOLA PURTSELI (A Folha de Luta do Proletariado) e PROLETARI (O Proletário). Em todos estes jornais, Stálin defendia resolutamente as bases ideológicas do Partido marxista, que resumia da seguinte forma: "Que é o socialismo científico sem movimento operário? Uma bússola que, ao não ser utilizada, pode somente cobrir-se de ferrugem, e então seria necessário atirá-la fora. Que é o movimento operário sem socialismo? Um barco sem bússola, que ainda assim poderá chegar à outra margem, mas que se tivesse a bússola, alcançaria a costa muito antes e tropeçaria com menos perigos. Uní um e outro e tereis um magnífico barco que se dirigirá direto à outra costa e chegará incólume ao porto. Uní o movimento operário com o socialismo e tereis o movimento social-democrata (comunista) que se conduzirá pelo caminho direto à 'terra prometida'."

Toda a história da luta da classe operária confirma esta conclusão teórica de Stálin, destrói demolidoramente a teoria oportunista do espontaneísmo e fundamenta o significado que tem para a classe operária o partido revolucionário e a teoria revolucionária. Stálin era temido pelos tzares devido à sua capacidade revolucionária e por causa disso, entre 1902 e 1913, foi detido sete vezes, das quais seis vezes foi deportado e cinco vezes evadiu-se do lugar do desterro para voltar às atividades revolucionárias junto às massas. Stálin, com sua capacidade teórica e prática, deu grande contribuição para o desmascaramento dos oportunistas, trotsquistas e liquidacionistas de toda laia, na luta pela construção de um partido de novo tipo, autenticamente revolucionário, marxista-leninista.

Quando Lênin voltou à Rússia em abril de 1917, Stálin, à frente de uma delegação operária, foi recebê-lo na estação ferroviária, o que indica o respeito, consideração e carinho que Stálin tinha por Lênin.

Stálin era também um exímio estrategista militar. Sob sua direção imediata foram derrotados em 1920 os exércitos intervencionistas. Foi o principal sustentáculo de Lênin na obra de organização e direção da defe-

sa do país soviético. O Partido enviava Stálin a todas as frentes em que se decidia a sorte da revolução. Dirigia, no próprio local, as operações decisivas das batalhas. O seu gênio estratégico e tático asseguravam a vitória da revolução. O nome de Stálin está ligado às mais gloriosas façanhas do Exército Vermelho.

Grande companheiro de armas de Lênin, Stálin disse, em 1924, na sessão de luto por motivo de sua morte: "Nós, os comunistas, somos homens de uma têmpera especial. Somos feitos de uma urdidura especial. Somos os que formam o exército do grande estrategista do proletariado, o exército do camarada Lênin. Não há nada mais alto do que a honra de pertencer a este exército". E, no primeiro aniversário da morte de Lênin, Stálin escrevia: "Recordai, amai, estudai Ilitch, o nosso mestre, o nosso chefe. Lutai e derrotai os inimigos internos e externos como fazia Ilitch".

Stálin sempre defendeu o Partido para que a classe operária tivesse direção justa e correta. Defendia a unidade do Partido em torno do Comitê Central, como a menina dos próprios olhos. Sempre foi de intransigente firmeza no terreno dos princípios, porém flexível na tática.

A 22 de junho de 1941, a Alemanha imperialista de Hitler violou o pacto de não-agressão concertado em 1939 com a URSS. Agrediu de surpresa a União Soviética. Stálin não se atemorizou. Assegurou ao povo soviético que nessa guerra não estaria só, dizendo: "Nossa guerra pela liberdade de nossa Pátria se fundirá com a luta dos povos da Europa e da América por sua independência, pelas liberdades democráticas. Será uma frente-única dos povos que defendem a liberdade contra o jugo e a ameaça de subjugamento pelos exércitos fascistas de Hitler". Esta previsão foi confirmada pela prática com a coalisão estabelecida logo após entre a União Soviética, Inglaterra e Estados Unidos. Stálin conduziu o povo soviético à vitória, esmagando o maior exército organizado tecnicamente de que a História dá notícia. Stálin dirigiu a defesa de Moscou pessoalmente. Com sua estratégia, o Exército Vermelho venceu a batalha de Stalingrado que decidia, em grande parte, a sorte da guerra. O plano estratégico deste grande feito foi elaborado e realizado sob a sua supervisão. "Os resultados e as conseqüências das vitórias do Exército Vermelho — disse ele — chegaram muito

além da frente soviético-alemã, mudaram todo o curso posterior da guerra mundial e adquiriram importância internacional". Stálin inspirou os povos na resistência contra o inimigo e nunca se atribuíu méritos pessoais. Sempre atribuíu as vitórias obtidas ao Partido, como único inspirador e organizador da luta contra os invasores fascistas.

Stálin foi e é, ainda hoje, depois de sua morte, a 5 de março de 1953, a pessoa mais odiada pelos reacionários e traidores da revolução socialista e de todo o progresso social. Mas, em contrapartida, foi e é a pessoa mais querida dos povos que trabalham e amam a liberdade.

A sua morte foi chorada por todos os oprimidos do mundo, particularmente pela classe operária e pelos camponeses, que sempre consideraram Stálin como guia, mestre e defensor dos povos para que alcancem a sua autodeterminação, pelo direito de todos serem livres, numa sociedade em que desapareça, definitivamente, a exploração do homem pelo homem.

A morte de Stálin comoveu todos os trabalhadores brasileiros, principalmente os operários de vanguarda, que prometeram lutar sem tréguas para divulgar o marxismo-leninismo, do qual Stálin foi um partidário entusiasta, contra as idéias retrógradas e juraram seguir seus exemplos, até sua completa emancipação.

Glória eterna a Stálin!

J.D.

Comunicado do C.C. do PC do Brasil sobre a morte do camarada Arruda Câmara

POR MOTIVO DO FALECIMENTO DO CAMARADA ARRUDA CÂMARA, MEMBRO DO C. C. DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL, FOI DIVULGADO O SEGUINTE COMUNICADO:

O Comitê Central do Partido Comunista do Brasil, com profundo pezar, comunica aos trabalhadores, aos comunistas em geral, aos amigos do nosso Partido, aos democratas e patriotas o falecimento repentino, ontem ocorrido na capital de São Paulo, do nosso querido e inesquecível camarada Diógenes de Arruda Câmara, lutador infatigável e homem de primeira linha da grande causa do socialismo, da liberdade, da verdadeira independência nacional.

Arruda Câmara ingressou ainda jovem no Partido Comunista do Brasil, militando em suas fileiras durante mais de quarenta e cinco anos. Era membro da direção central do Partido desde 1943, ocupando cargos da maior relevância e responsabilidade na organização política do proletariado brasileiro. Cumprindo tarefa partidária, elegeu-se deputado federal por São Paulo, atuando no Congresso Nacional de 1947 a 1950. Era um dos dirigentes do Partido mais conhecidos no país e gozava também de largo prestígio internacional no movimento marxista-leninista. Em vários Congressos de Partidos irmãos representou com destaque o PC do Brasil. Após a reorganização do Partido, em 1962, colocou-se desde os primeiros momentos ao lado dos que defendiam conseqüentemente a continuidade e a política proletária revolucionária da antiga organização de vanguarda da classe operária. Preso em fins de 1969, quando se abatia o terror fascista sobre a nossa pátria, enfrentou durante mais de dois anos, com grande firmeza e dignidade exemplar, seus algozes do DOI-CODI e do DOPS de São Paulo, sem lhes prestar quaisquer informações, por mais bárbaras tivessem sido as torturas a que foi submetido e que terminaram por arruinar-lhe seriamente a saúde. No exílio, em sete anos, efetuou inúmeras tarefas partidárias, contribuindo para desenvolver a solidariedade internacional às lutas do nosso povo contra a ditadura militar-fascista. Retornando ao país, em princípios de outubro próximo passado, realizou, a partir do momento mesmo de sua chegada, intensa atividade política unitária, democrática, proletária e comunista, em meio à qual a morte o colheu.

O desaparecimento inesperado de Arruda Câmara é um duro golpe para o Partido, para o movimento democrático e patriótico, para a luta da classe operária visando ao socialismo. Ele dedicou toda a sua existência e todas as suas energias, sem medir sacrifícios, ao Partido do proletariado e aos grandiosos objetivos que este persegue. O Comitê Central inclina suas bandeiras de combate em homenagem a tão valoroso militante e distinguido dirigente comunista. E afirma que a homenagem maior que lhe devemos prestar é transformar em força consciente a dor que a todos nos atinge a fim de preencher o imenso claro que a sua morte abriu em nossas fileiras, de reforçar, à base de princípios, a unidade do nosso Partido, de levar adiante com êxito as grandes tarefas da atualidade nas quais ele se empenhava com tanta dedicação e tanto desprendimento.

O nome e a memória do camarada Arruda Câmara serão sempre reverenciados pelo nosso Partido. O exemplo de sua militância e do seu devotamento à causa do proletariado há de servir de fator de educação às novas gerações de comunistas brasileiros.

São Paulo, 26 de novembro de 1979

O COMITÊ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

Construtor infatigável do Partido

DISCURSO PRONUNCIADO POR ELZA MONNERAT QUANDO DO SEPULTAMENTO DO CAMARADA DIÓGENES DE ARRUDA CÂMARA

Camaradas e amigos

Imensa a dor que sentimos no momento em que nos despedimos para sempre do nosso estimado camarada Diógenes de Arruda Câmara, companheiro de ideal e de luta, homem de ação, heróico militante comunista, com quem trabalhamos anos seguidos, nos dias de vitória e nas horas de derrota, nele encontrando, a cada instante, o combatente que não se verga ante as dificuldades nem se abala com os insucessos temporários.

Nós, os comunistas, choramos os nossos mortos. Mas choramos ressaltando, com orgulho, sua fecunda atividade revolucionária, a grandeza de sua vida dedicada à mais nobre das causas — a causa do socialismo, a causa do comunismo.

Arruda Câmara assinalou com traço indelével sua passagem, que durou quatro décadas e meia, pelo movimento operário e revolucionário brasileiro. Esteve presente em todos os mais importantes acontecimentos deste largo período. E presente de maneira destacada, nas primeiras linhas, tentando, intimamente ligado ao Partido Comunista, abrir novos horizontes ao nosso povo, desbravar o caminho que leva à liquidação da exploração do homem pelo homem.

Arruda Câmara era um militante de convicção científica. Um marxista-leninista. Um combatente no campo da teoria e da prática revolucionária. Homem de princípios, estudioso dos problemas da evolução da sociedade humana. Ele era, por isso mesmo, um homem de Partido, um construtor infatigável do Partido, compreendendo que, sem o Partido de vanguarda da classe operária, armado com a teoria mais avançada do nosso tempo — o marxismo-leninismo — os trabalhadores jamais conseguirão sacudir o jugo da opressão capitalista. Onde quer que estivesse, no campo ou na cidade, no Brasil ou no Exterior, na legalidade ou na clandestinidade, sua preocupação constante era o Partido, criar e desenvolver o Partido da classe operária.

Arruda Câmara foi um internacionalista comprovado. Compreendia profundamente que as fronteiras nacionais não podem servir de barreira à luta comum da classe operária contra o seu inimigo comum — o capitalismo, o imperialismo, agressivo e espoliador, que suga em quase todos os rincões da Terra o suor e o sangue das massas trabalhadoras e populares. Tinha o sentido aguçado para o slogan de Marx e Engels, repetido em todas as línguas há um século e meio: "Proletários de todos os países, uní-vos!" Por onde Arruda passou, na América Latina ou na Europa, esforçou-se por ajudar os movimentos comunistas. São vários os partidos proletários no mundo que nele tiveram um amigo, um homem disposto a dar sua ajuda desinteressada à edificação da vanguarda marxista-leninista.

Arruda morreu e aqui nos despedimos dele. Mas o exemplo de sua vida gloriosa não morrerá jamais. Servirá de estímulo a todos nós, comunistas de ontem e de hoje, das velhas e das novas gerações. Quem conviveu com ele nunca esquecerá sua personalidade marcante, sua firmeza de princípios, sua inabalável confiança na vitória final.

O Comitê Central do Partido Comunista do Brasil, por meu intermédio, presta aqui sua derradeira home-

(Continua na página 16)

Mensagens de condolências pelo falecimento do camarada Arruda

TELEGRAMA DO CAMARADA ENVER HODJA, PRIMEIRO SECRETÁRIO DO COMITÊ CENTRAL DO PARTIDO DO TRABALHO DA ALBÂNIA

Ao Comitê Central do Partido Comunista do Brasil

Camarada João Amazonas

É com profunda aflição que tomamos conhecimento do falecimento inesperado e prematuro do querido camarada Diógenes Arruda, um dos mais eminentes filhos revolucionários do povo brasileiro, dirigente querido e respeitado do Partido Comunista do Brasil.

A morte do camarada Diógenes Arruda constitui uma grande perda para o irmão Partido Comunista do Brasil e para todos os revolucionários e homens progressistas brasileiros, pois perderam nele um comunista da primeira hora, um militante inflexível que durante cerca de cinqüenta anos colocou ao serviço do povo e da revolução no Brasil toda a sua vida e todo o seu talento de revolucionário.

Ele lutou com uma firmeza exemplar contra a reação e a dominação fascista no país, contra o imperialismo e suas ingerências no Brasil. Ele realizou com espírito de conseqüência um combate tenaz pela vitória da liberdade, da democracia e do socialismo. Ele jamais cedeu diante das múltiplas pressões, do encarceramento e das torturas desumanas.

O camarada Arruda manteve-se fiel ao marxismo-leninismo e à luta com audácia contra o revisionismo de todas as cores, tanto no plano nacional como no internacional.

Seu exemplo como combatente revolucionário marxista-leninista e como dirigente ficará sempre vivo na memória e no coração de todos os seus camaradas de luta. O camarada Diógenes Arruda era um querido e sincero amigo do povo albanês, de seu Partido do Trabalho e do socialismo na Albânia. Suas visitas a nosso país, seus encontros e suas entrevistas nessas ocasiões serão para nós uma lembrança inesquecível.

Profundamente chocados com esta grande perda para o irmão Partido Comunista do Brasil, nestes momentos difíceis nós nos sentimos mais perto de vocês. Nós participamos com vocês dessa aflição. Pedimos transmitir à família do camarada Arruda nossas mais sinceras condolências.

Estamos convencidos de que o Partido Comunista do Brasil saberá enfrentar esta grande dor, reforçando mais a unidade em torno de seu Comitê Central, a fim de levar sempre adiante os ideais da revolução pelos quais o camarada Arruda lutou durante toda a sua vida como eminente militante revolucionário .

Glória à memória do camarada Diógenes Arruda.

ENVER HODJA

Primeiro Secretário do Comitê Central do Partido do Trabalho da Albânia

Tirana, 27 de novembro de 1979

MENSAGEM DO COMITÊ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS (RECONSTRUÍDO)

Ao Comitê Central do Partido Comunista do Brasil

Ao camarada João Amazonas

Queridos camaradas

Foi com dor imensa que tomamos conhecimento da morte do nosso querido camarada Diógenes Arruda, destacado dirigente do Partido irmão do Brasil e membro honorário do nosso Partido. Trata-se de uma perda irreparável, não só para o PC do Brasil, para o proletariado e para o povo irmão de Brasil, mas igualmente para todo o movimento comunista internacional e para o proletariado e os povos do mundo inteiro. Aceitai, camaradas, em nome de todos os nossos militantes as nossas mais sinceras e sentidas condolências. Transmiti em nosso nome a todos os militantes do vosso Partido e aos familiares do camarada desaparecido, toda a nossa solidariedade nesta hora tão amarga e difícil.

Queridos camaradas do PC do Brasil

Como dizia o nosso querido e saudoso camarada Diógenes Arruda, o proletariado e os povos dos nossos dois países e os nossos dois Partidos, são irmãos de ideais, de luta e de sangue. E sem qualquer dúvida o camarada Arruda foi, nos seus últimos anos de vida, o símbolo dessa amizade e dessa militância fraternas tão íntimas. Os laços profundos de amizade, de luta e de ideais cristalizaram-se decididamente com o apoio dado pelo PC do Brasil à reconstrução do nosso Partido, com a ajuda internacionalista que nos vêm prestando com vistas a dotar o nosso Partido de uma verdadeira e sólida fisionomia marxista-leninista, assente em firmes princípios marxistas-leninistas, na definição duma justa linha revolucionária para o nosso país e na luta contra todo tipo de posições oportunistas e desvios ao marxismo-leninismo. Os laços que nos unem reforçaram-se ainda mais com as jornadas de solidariedade com os camaradas do PC do Brasil assassinados e presos pela ditadura. Pelo entusiasmo, pela dedicação, pelo carinho e pela forma clarividente com que soube levar à prática esta justa política internacionalista do PC do Brasil face ao nosso Partido, o camarada Arruda transformou-se no símbolo vivo dessa política. Ninguém como ele ficou assim tão perto de nós, tão dentro de nosso coração. Uma gratidão eterna para o camarada Arruda permanecerá para todo o sempre na consciência e no coração de todos os militantes e dirigentes do nosso Partido.

Queridos camaradas do PC do Brasil

O camarada Diógenes Arruda era um lutador abnegado e incansável da causa da revolução proletária mundial. Demonstrava sempre uma convicção e um entusiasmo revolucionários contagiantes, a confiança inabalável de que o futuro é da classe operária, da revolução e do marxismo-leninismo.

Enquanto militou ao nosso lado, ensinou-nos a seguir sempre uma política assente nos firmes princípios marxistas-leninistas. Ensinou-nos a praticarmos o internacionalismo e a combater as mais pequenas manifestações reacionárias chauvinistas. Ensinou-nos a guiar-nos pelo exemplo heróico da Albânia Socialista e do seu Partido do Trabalho, tendo à frente o camarada Enver. Perante as mais difíceis tormentas, perante o revisionismo de todas as cores, e nomeadamente as suas variantes soviética e maoísta, o camarada Arruda soube sempre manter como bússola os firmes princípios marxistas-leninistas, atacando sem piedade todos os oportunistas. Ensinou-nos o camarada Arruda a manter sempre a ideologia proletária no posto de comando, a estarmos atentos às mais pequenas manifestações de ideologias estranhas ao proletariado revolucionário e a atacarmos com firmeza onde quer que elas surjam.

O camarada Arruda demonstrava uma extrema sensibilidade política, uma atenção constante às mutações bruscas e profundas que se estão operando a nível internacional, aos problemas novos que se estão a colocar no movimento comunista internacional. Era um partidário convicto e militante da necessidade de os Partidos marxistas-leninistas darem passos rápidos e decididos para se colocarem ao nível das exigências do desenvolvimento da revolução proletária a nível internacional e ao nível de cada país. O camarada Arruda era um defensor entusiástico da transformação do nosso Partido num partido para a ação revolucionária de massas, capaz de influir ativamente na evolução dos acontecimentos políticos e de ganhar real apoio e implantação no seio das amplas massas proletárias e exploradas do nosso país. O camarada Arruda ensinou-nos a lutar pelo aprofundamento dos processos táticos que permitem abordar as massas a partir dos seus problemas concretos e do seu nível de consciência e a fazê-las percorrer, através da sua própria experiência, o caminho que as conduz ao encontro das posições revolucionárias. O camarada Arruda sustentava com convicção que era dever de todos os Partidos Comunistas lutarem para se afirmarem como dirigentes reconhecidos das amplas massas exploradas, disputando em cada luta concreta a sua direção aos partidos revisionistas, pequeno-burgueses e demais partidos reacionários. O camarada Arruda ensinou-nos a combater o doutrinarismo estéril, as proclamações vazias dos princípios desinseridas do movimento real das massas exploradas e oprimidas, as teorias e as práticas que procuram condenar os partidos marxistas-leninistas à contemplação paralisante e impotente face ao movimento de massas e face aos grandes partidos burgueses e revisionistas. No coração de todos nós que tivemos a honra de contactar de perto e de lutar lado a lado com tão destacado dirigente comunista, ficará para sempre uma profunda admiração e um profundo reconhecimento, uma amizade que ninguém conseguirá destruir. A maneira carinhosa como sempre lidou com todos os dirigentes e todos os militantes, como sempre se inteirou dos seus problemas, mesmo dos mais íntimos, e nos procurou ajudar a resolvê-los, a maneira simples e humilde com que lidava com todos nós e se confundia nas horas de convívio com qualquer militante, tornaram-no alvo do apreço e da amizade de todos nós. Ensinou-nos o camarada Arruda, com seu profundo conhecimento da vida e com a sua larga experiência revolucionária, a reforçar e a estreitar continuamente os laços pessoais de amizade e camaradagem entre militantes e dirigentes, tornando assim cada vez mais firmes e indestrutíveis os alicerces em que assenta toda a vida partidária.

Queridos camaradas do PC do Brasil

Juramos solenemente perante o povo e a classe operária do país irmão do Brasil, juramos perante todos os militantes e dirigentes do seu digno representante, o heróico Partido Comunista do Brasil, prosseguir firmemente o caminho revolucionário conseqüente que sempre nos foi apontado pelo nosso querido camarada Arruda. Juramos solenemente perante vós empenhar-mo-nos com todas as nossas forças e educar o nosso Partido nessa justa via. Procuraremos ter sempre presente os seus ricos e preciosos ensinamentos. Essa a maior homenagem que poderemos prestar ao camarada Arruda.

Que o camarada Diógenes Arruda perdure para todo o sempre como símbolo da amizade militante e combativa entre os nossos dois Partidos.

Honra ao camarada Diógenes Arruda!

Lisboa, 26 de novembro de 1979

O Comitê Central do Partido Comunista Português (Reconstruído)

(a) José Alves

A única saída para a situação (continuação)

se em primeiro lugar as da classe operária (os piquetes de greve, lideranças sindicais não-alinhadas com o governo, oposições sindicais e outras organizações de base); o movimento contra a carestia, o movimento em prol da anistia, as organizações estudantis, com a UNE à frente, as associações de bairros, as entidades femininas, os movimentos camponeses de luta pela terra e contra os grileiros. A estas forças somam-se as correntes de esquerda que atuam concretamente no impulsionamento das lutas populares e na medida em que não conciliam com o regime, assim como núcleos ativos da Igreja de sentido popular. Também se incluem os setores parlamentares que no Congresso, nas Assembléias Estaduais e Câmaras Municipais tomam posição decidida de oposição, de luta pelo desmascaramento dos atuais governantes e em defesa dos interesses do povo. Esta frente pode e deve estender-se a outros segmentos democráticos e patrióticos que atuam politicamente. Somente a unificação de todas estas forças, cada vez melhor organizadas, e a elevação da consciência política das massas, será capaz de criar, no quadro de profundo descontentamento em que vive a nação, as condições para levar de vencida a reação e seu regime e de alcançar a liberdade política tão necessária na busca de rumos progressistas para o país.

O governo de Figueiredo tentará ainda novas manobras divisionistas. A iniciativa política ficará em suas mãos se as forças populares não forem capazes de tomar essa iniciativa, organizando e unindo todos os setores de oposição efetiva, constituindo o grande movimento de oposição popular que a situação reclama. E desencadeando as lutas, numa escala ascendente e unitária em prol dos interesses vitais dos trabalhadores e do povo, assim como em defesa das riquezas nacionais, contra a espoliação do país pelos monopólios estrangeiros. Que as lutas populares levantem bem alto a exigência de liquidação do regime militar, a conquista da liberdade política a mais ampla, a instauração de um governo democrático e de unidade popular.

Unir para lutar e lutar para unir mais ainda — é o lema do povo nas condições atuais. É o caminho para a vitória.

Construtor infatigável do Partido (continuação)

nagem ao camarada Arruda. Juntamente com as flores da nossa saudade, deixamos o nosso adeus de despedida. Mas um adeus que é também um compromisso de honra. O compromisso de que, quaisquer que sejam as vicissitudes, levaremos adiante a bandeira que ele sempre defendeu. A bandeira do Partido, a bandeira do socialismo. Todos e cada um de nós, militantes comunistas, estaremos daqui por diante ainda mais comprometidos a aplicar a linha política do nosso Partido, em conjunto com as forças democráticas e patrióticas, para livrar nosso povo do regime arbitrário que procura sobreviver sob novas formas. Arruda não chegou a assistir ao raiar da plena liberdade política e à conquista de uma nova vida para o nosso povo. Mas esse dia chegará. E chegará tanto mais depressa quanto mais decididamente sejamos capazes de ocupar o posto que nos cabe. Quanto melhor também nos ligarmos à classe operária, a força social potencialmente mais revolucionária da sociedade brasileira, a força que se inclina, naturalmente, para a aliança com os explorados do campo.

Este é o nosso compromisso, o nosso dever de comunistas.

Esta é a verdadeira homenagem que prestaremos ao nosso inesquecível e querido camarada Arruda Câmara.

Preparar o Partido para as novas tarefas

Atualmente, coloca-se como questão prioritária para o coletivo partidário o debate aprofundado das resoluções da VII Conferência Nacional do Partido. É indispensável planificar a sua aplicação para que possam cumprir o seu papel mobilizador e orientador das amplas massas proletárias e populares.

A profundidade do conteúdo das resoluções da VII Conferência requer um estudo metódico das transformações que se deram na sociedade brasileira, tanto na infra como na superestrutura, o comportamento e alinhamento das diversas classes e camadas sociais, o grau de dependência à dominação imperialista e o perigo que isto representa ao futuro do país, o papel do proletariado e das classes e camadas revolucionárias na transformação profunda de nossa sociedade, o caráter da frente-única e os objetivos e alvos a atingir, o papel do Partido do proletariado no processo revolucionário, a defesa do marxismo-leninismo contra todas as formas de oportunismo e revisionismo. Impõe-se aprofundar o exame das questões ideológicas objetivando a que cada militante ou quadro partidário seja um agente consciente de suas tarefas e responsabilidades perante as massas e o Partido.

A VII Conferência orienta o Partido a inserir-se nos centros vitais da luta de classe do proletariado. As massas não se deixam oprimir e explorar passivamente, vão adquirindo consciência de quem são os seus verdadeiros inimigos. Embora de forma ainda não muito clara, exigem transformações profundas no atual estado de coisas, de modo a extirpar as causas que vêm determinando a sua miséria. O caráter espontâneo de grande parte das lutas, choques, enfrentamentos com a reação que vêm se sucedendo fornece, aos verdadeiros revolucionários, indicadores da profundidade da revolta das massas e os orienta para a necessidade de desenvolverem uma ação mais dinâmica e conseqüente, indicando-lhes o correto caminho.

Pode-se afirmar que cada comitê ou organização de base do Partido tem elementos de análise fornecidos pelo próprio movimento real, apontando onde se situam os pontos vitais da luta de classes.

A VII Conferência orientou o conjunto partidário para a necessidade de construir o Partido, prioritariamente, nas grandes empresas e nas categorias profissionais que maior peso jogam na luta do proletariado. Somente enraizando o Partido nos centros vitais da luta de classes, em particular no seio do proletariado e da massa camponesa, aplicando aí a linha partidária, cumpriremos o papel histórico que nos cabe. O Partido deve estar presente em todas as lutas de massas. Do contrário, ele se isolará do processo em curso. Manter uma atitude defensiva encoberta com o palavreado de defesa da organização, é um perigo que pode levar à estagnação e ao enfraquecimento do Partido.

Recrutar novos militantes, sobretudo na classe operária, foi uma das tarefas apontadas pela VII Conferência Nacional. É evidente que, no movimento de massas, surgiram e surgirão elementos combativos, audazes, cheios de vigor e potencialidade revolucionária. Muitos deles se vão convertendo em líderes autênticos e respeitados das massas. Contam-se por centenas, senão por milhares, os elementos de vanguarda que afloram das lutas de massas. Não há porque ser defensivo no recrutamento que, hoje, não pode seguir os mesmos métodos de cinco anos atrás. As condições são outras. Naquela época recrutava-se na base da relação pessoal e o recrutamento se fazia cuidadosa e lentamente. Hoje, o próprio movimento real indica de forma clara onde e quem recrutar.

Os Estatutos do Partido indicam as condições básicas para o ingresso no PC do Brasil: aceitar o programa e os Estatutos do Partido, militar em um organismo de base e contribuir financeiramente para a organização. Os que aceitam estas condições e tenham demonstrado combatividade e disposição de luta, não sejam agentes do inimigo infiltrado no movimento de massas, podem e devem ser recrutados. São principalmente as bases do Partido que devem recrutar.

Nosso Partido precisa crescer numericamente e em qualidade. É necessário concentrar o recrutamento no proletariado para melhorar mais e mais a composição social do Partido e dar-lhe maior capacidade de interven-

ção nas lutas que se avizinham. Presentemente, há uma defasagem entre a nossa influência no movimento de massas e o nosso efetivo partidário. A solução dessa contradição se resolve recrutando mais e melhores militantes, elevando seu nível de consciência política e ideológica, forjando cada membro do Partido como um verdadeiro revolucionário-proletário no próprio calor da luta de classes.

A VII Conferência destacou ainda a questão da defesa da unidade do Partido e o combate a toda tendência divisionista.

A história do movimento comunista internacional está plena de exemplos de que, nos momentos de viragem e de agravamento da luta de classes, surjam concepções errôneas e tendências não-proletárias que tendem a afastar o Partido e o proletariado da senda da revolução. Em nosso Partido, nestes 57 anos de existência, por mais de uma vez surgiram tais tendências e quando foram vitoriosas, temporariamente causaram graves prejuízos à luta do nosso povo.

Novos e complexos problemas táticos, políticos, ideológicos e orgânicos surgem no quotidiano de nossa vida partidária. Todos os comunistas preocupam-se com a solução dos problemas que a vida vai colocando na ordem-do-dia. Esta busca de solução não pode servir para encobrir ou mascarar outros objetivos que nada têm a ver com a defesa e os interesses do Partido. O verdadeiro comunista defende seus pontos de vista partindo da preocupação de ajudar o Partido a avançar. Nunca se considera dono da verdade. Discordar combatendo o Partido e seus princípios, rompendo as normas de disciplina e organização é típico do pequeno-burguês que só vê a sua personalidade e só dá valor às suas idéias. Lênin e Stálin e outros dirigentes do movimento comunista internacional sempre demonstraram o espírito de classe que marca esse comportamento individualista, e sempre alertaram o Partido e o movimento revolucionário para os graves prejuízos que podem trazer à revolução tais idéias e práticas se não forem combatidas e derrotadas a tempo.

A base, hoje, da unidade política e de ação dos comunistas são as resoluções da VII Conferência Nacional. Em torno de sua aplicação agrupa-se o coletivo partidário. Essas resoluções foram fruto de intenso, aberto, franco e responsável debate dos que nela participaram. Refletem o pensamento coletivo do Partido. E avançam na solução de importantes problemas teóricos, táticos, políticos, orgânicos e ideológicos que se apresentam ao movimento revolucionário brasileiro.

Se há militantes que divergem, total ou parcialmente, dessas resoluções, devem expor, no seu organismo e somente no seu organismo, suas opiniões e submetê-las à crítica dos demais membros desse organismo. Tais opiniões serão encaminhadas à direção central do Partido. No entanto, ninguém poderá furtar-se à aplicação integral das resoluções. Elas constituem lei obrigatória para todo o Partido.

O Partido Comunista é uma organização centralizada e em cujas fileiras a disciplina é obrigatória e igual para todos os seus membros. Não admite centros paralelos de direção, nem a existência de duas linhas em sua atividade. Só há uma direção, o Comitê Central, e uma linha política. A unidade do Partido se faz em torno do Comitê Central.

Nosso Partido, que rompeu com o revisionismo e as idéias e práticas pequeno-burguesas, desde 1962 é uma organização de combate que, cada dia mais, forja a unidade de pensamento e de ação em suas fileiras. O Partido dá exemplos de vitalidade e são numerosos os militantes abnegados, verdadeiros comunistas, que não medem sacrifícios para levar adiante a bandeira do partido da classe operária. Desponta no Partido, à medida que ele se liga às massas e aprofunda seu conhecimento da linha partidária, um grande impulso revolucionário, uma vontade imensa de torná-lo poderoso, capaz de cumprir suas tarefas históricas.